

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

SARA SILVA SOARES

**SER MULHER NAS CIÊNCIAS E NA PESQUISA: O CASO DE (R)EXISTÊNCIA E
RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DE JOANA D'ARC FELIX**

CAMPO MOURÃO

2022

SARA SILVA SOARES

**SER MULHER NAS CIÊNCIAS E NA PESQUISA: O CASO DE (R)EXISTÊNCIA E
RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DE JOANA D'ARC FELIX**

**Woman in sciences and research: the case of (r)existence and
Historical resignification of joana d'arc felix**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentada como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Química da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Gustavo Pricinotto

CAMPO MOURÃO

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

SARA SILVA SOARES

**SER MULHER NAS CIÊNCIAS E NA PESQUISA: O CASO DE (R)EXISTÊNCIA E
RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DE JOANA D'ARC FELIX**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Química da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 10 de fevereiro de 2022

Gustavo Pricinotto
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campo Mourão

Estela dos Reis Crespan
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campo Mourão

Ana Carolina Hyrcena
Graduação
Universidade Estadual de Londrina - UEL

CAMPO MOURÃO

2022

RESUMO

Ao considerar a educação pelo mote da cultura, compreende-se que os diferentes artefatos culturais produzem efeitos pedagógicos nos sujeitos, ou seja, estes modalizam modos de aprender, ensinar e compreender o mundo. Na busca pela compreensão do ser mulher cientista no Brasil, e de como estes corpos são marginalizados, Joana D'Arc é apresentada a cena como ícone afirmativo da minoridade nas ciências. mulher, negra, periférica e cientista. Todavia, por seus traços identitários e pelo protagonismo nas mídias um conjunto de veiculações discursivas a colocam como uma figura de "controvérsia". De tal cenário deriva este trabalho, que tem por objetivo traçar as linhas de produção da imagem da Prof. Dra. Joana D'Arc Felix de Sousa e de sua representação, buscando evidenciar as experiências raciais sofridas por ela. Para tal são levantadas notícias que retratem a história da mesma, visando o levantamento de seus títulos como síntese destas narrativas sob a ótica dos Estudos Culturais das Ciências e Educação, como também a narrativa da sua própria história descritos por nossa entrevistada a fim de traçarmos caminhos de (r)existência que nossa sujeira enfrenta diariamente. Por isso, faz-se necessário compreender alguns elementos que fortalecem ou enfraquecem a potencialidade dos discursos racistas, buscando rearticulá-los e (des)potencializá-los.

Palavras-chave: estudos Culturais; mulher negra; mulheres cientistas; gênero.

ABSTRACT

When considering education by the motto of culture, it is understood that the different cultural artifacts produce pedagogical effects on the subjects, that is, they modalize ways of learning, teaching and understanding the world. In the search for an understanding of being a woman scientist in Brazil, and how these bodies are marginalized, Joana D'Arc is brought to the scene as an affirmative icon of minority in the sciences. Woman, black, peripheral and scientist. However, due to her identity traits and her role in the media, a set of discursive placements place her as a "controversial" figure. From such a scenario derives this work, which aims to trace the production lines of Prof. Dra. Joana D'Arc Felix de Sousa and her representation, seeking to highlight the racial experiences suffered by her. To this end, news is raised that portrays its history, aiming to raise its titles as a synthesis of these narratives from the perspective of the Cultural Studies of Sciences and Education, as well as the narrative of its own history described by our interviewee in order to trace paths of (r)existence that our dirt faces daily. Therefore, it is necessary to understand some elements that strengthen or weaken the potential of racist discourses, seeking to rearticulate and (de)potentiate them.

Keywords: cultural studies; black woman; women scientists; genre.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1	Estudos Culturais	9
2.2	Do currículo formal ao oculto: da perspectiva tradicional a pós-crítica	11
2.3	Estudos de Gênero, Pedagogia Feminista, Feminismo Negro, e identidade/Identificação	15
2.4	Mídias e Sociedade	18
3	OBJETIVOS	20
3.1	Objetivo geral	20
3.2	Objetivos específicos	20
4	METODOLOGIA	21
4.1	Percurso metodológico e nossa sujeita de pesquisa	21
4.2	Conquistas realizada por Joana D’Arc	23
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
5.1	O que as mídias nos conta?	24
5.2	O que nos conta Joana D’Arc	27
5.3	Elemento 1: A “Força” da Mulher Negra	28
5.4	Estudo como possibilidade de “Vencer na vida”	29
5.5	Racismo Estrutural? Discriminação racial sofrida por Joana D’Arc	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Deparar-se com a realidade das universidades nos dias de hoje, em que muitas vezes as mulheres não são evidenciadas assim como em muitos outros casos não estão presentes, é inquietante, e deve ser motivo de pesquisas no âmbito acadêmico. Neste sentido, este trabalho busca compreender o que motiva, ou o que silencia as possibilidades de (r)existência das mulheres nas universidades brasileiras e na produção científica.

Schiebinger (2001), afirma que as questões sociais e históricas, como são as relações de gênero, influencia(ra)m a sociedade e tudo o que por ela é produzido, inclusive a Ciência. Mediante a isto, as Ciências Exatas são vistas como potencialmente pertencentes ao público predominantemente masculino, mesmo que existam mulheres que são reconhecidas mundialmente pelas suas pesquisas. O que ocorre nestes casos é que, ao perceberem as diferenças entre os sexos, a sociedade impõe que a mulher se adapte ao perfil masculino. Esquecendo-se das questões referentes ao gênero, o que difere da questão do sexo.

Na área das ciências exatas somos diversas vezes apresentadas a um emaranhado de nomes de homens. Isso diminui o trabalho de brilhantes mulheres, que por muitas vezes são esquecidas de ser citadas em notícias que tem como ênfase levar informações para a comunidade. Esse modo de narrar e apresentar as histórias, apresentados em séries, filmes, livros e até mesmo em desenhos animados, por muitas vezes tem silenciado histórias inspiradoras de mulheres cientistas, até mesmo nos livros Didáticos de Química, Física e Biologia.

Essa trajetória, tem marginalizado as mulheres constantemente, e nesse caso, as mulheres são “esquecidas” quando vamos contar suas histórias, seja pelo emudecimento conivente, por não termos conhecimentos de suas histórias por falta de representatividade ou ainda, por buscarmos apresentar caminhos fáceis para a produção da Ciência, singular e dogmatizada. Segundo Ignotofsky (2009)

“No passado as restrições ao acesso das mulheres à educação não eram incomuns. As mulheres, frequentemente, não tinham permissão para publicar artigos científicos. Esperava-se que elas fossem criadas apenas para ser boas esposas e mães, enquanto os maridos a sustentavam. Muitas pessoas achavam que as mulheres simplesmente não eram tão inteligentes quanto os homens. As mulheres desse livro tiveram de lutar contra esses estereótipos para trabalhar nas carreiras em que queriam” (IGNOTOFSTY. 2009. p.7).

Perante o exposto e articulando-nos ao pensamento de Bruner (2014), ao

afirmar que as narrativas possibilitam alternativas para produção de conhecimento, ciências e outros, acreditamos que a representatividade de mulheres, mulheres negras na ciência e corpos negros possam contribuir para compreendermos a ciência não mais singular, mas como ciências plurais e incertas, inspiradoras e afetivas, e só assim pode-se aumentar a visibilidade das mulheres.

Para que possamos repensar este processo de marginalização e interdição das mulheres neste processo acadêmico e científico (FOUCAULT, 2006), temos que compreender inicialmente como os diversos elementos discursivos (imagens, falas, mídias...) são dispostos diante das mulheres estudantes e pesquisadoras articulando-os para que as mesmas não possam agir ou falar de determinados modos, ou ainda, sejam impossibilitadas de exercerem determinadas funções, que em nosso caso é de cientistas.

Para isso, nos apoiaremos sob a perspectiva dos Estudos Culturais, e pensaremos como ocorreram os processos de resistência e silenciamento da Prof. Dra. Joana D’Arc Felix de Sousa que é a principal sujeita de análise deste trabalho. A partir desse momento, iremos nos referir a sujeita de pesquisa, apenas como Joana D’Arc. Em maio de 2019 o nome da Joana D’Arc subiu nas manchetes de Jornais após ter seu currículo questionado, ou seja, possuir títulos que não portava. Com isso, Joana D’Arc virou alvo de ataques midiáticos e ficou conhecida como a “Fake News de Harvard”¹. Esse trabalho, busca um processo de (re)articulação dos elementos anteriormente elencados no intuito de compreender o fortalecimento das mulheres cientista, para além dos locús preestabelecidos pela sociedade moderna e conservadora.

Por esse viés, ao considerar a educação pelo mote da cultura, compreende-se que os diferentes artefatos culturais produzem efeitos pedagógicos nos sujeitos, ou seja, estes modalizam modos de aprender, ensinar e compreender o mundo. Na busca pela compreensão do ser mulher cientista no Brasil, e de como os corpos negros são marginalizados, Joana D’Arc é apresentada a cena como ícone afirmativo da minoridade nas ciências, mulher, negra, periférica e cientista. Entretanto, por seus traços identitários e pelo protagonismo nas mídias um conjunto de veiculações

¹ A professora Joana D’Arc Felix de Sousa veio a público se posicionar após seu currículo ser questionado sobre seu suposto pós-doutorado em Harvard e sobre as 15 patentes que diz ter em seu nome. De acordo com o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) não há nenhuma patente registrada em seu nome.

discursivas a colocam como uma figura de “controvérsia”. Tal cenário deriva este trabalho que tem por objetivo traçar as linhas de produção da imagem de Joana D’Arc e de sua representação como mulher negra e pesquisadora.

Para isso são levantadas notícias que retratam a história da mesma, visando o levantamento de seus títulos como síntese destas narrativas sob a óptica dos Estudos Culturais das Ciências e Educação, perpassando pelo veículo de informações e como essas notícias podem impactar na vida da nossa sujeita de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentaremos neste capítulo tópicos extremamente importantes para compreendermos este estudo. Em razão disso, essas perspectivas apresentadas nos auxiliarão a compreender sob a perspectiva dos Estudos Culturais, “o que motiva ou silencia as possibilidades de (r)existência das mulheres dentro das universidades brasileiras?”.

Discorreremos a seguir, as tradições dos Estudos Culturais, uma parte da trajetória dessa perspectiva teórico-metodológica desde as suas origens até a contemporaneidade. Para desenvolvermos questionamentos e reflexões a respeito de uma cultura marginalizada e suas diversidades e multiplicidades é necessário torná-las visíveis, pois, desse modo, será possível convivermos e compreendermos suas estruturas e reorganizá-las.

2.1 Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram no final da década de 1950, em um cenário político do pós-guerra, na Inglaterra, despertando uma grande reviravolta na teoria cultural, com o objetivo de investigar a multiplicidade vigente do interior de cada cultura mediante as suas diversificações.

Segundo Hall (1980), os estudos culturais não se configuram como uma “disciplina”, e sim uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando os aspectos culturais da sociedade. Neste mesmo sentido, Turner (1990) afirma que

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (p. 11)

Em vista disso, os Estudos Culturais não equivalem a uma nova disciplina, que visa ser a salvação e substituição de todas as demais disciplinas que temos aí, mas surge devido a uma insatisfação de algumas disciplinas e seus limites, ou seja, eles passam a ser caracterizados por sua natureza interdisciplinar, questionando interações que se baseiam na elitização. Com a criação do Centre For Contemporary Cultural Studies (CCCS) de forma organizada, foi institucionalizado enquanto área de estudos somente em 1964, na universidade de Birmingham, pelo Professor Richard Hoggart.

Diante dos questionamentos às elites e culturas eruditas, sua principal característica era, e ainda é, o estudo de Classes Trabalhadoras, das Culturas, Mulheres, da Feminilidade, Raça, Etnicidade entre muitos outros. Ou seja, procurar relevar os discursos marginais, não-oficiais, ou daqueles que propriamente não tem o “poder de fala”, excluindo as minorias mediante as relações de poder e hierarquização.

Com isso, a cultura como espaço de luta pela (re)significação, começa a ser construída, ou seja, alguns questionamentos começam a tomar potência, principalmente quanto a construção de alguns conceitos dicotomizados: “Analfabeto, alfabetizado, homem, mulher, índio, negro, branco? ”. Quem são os sujeitos que contam essas histórias? Quais elementos são postos e articulados diante de nós que nos fazem aceitar determinados discursos?

Compreender essas conexões de elementos discursivos, em suas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa dos Estudos Culturais (JOHNSON et al., 2010), pois somente nesta compreensão estaria a possibilidade de repensarmos as hierarquizações e relações de poder.

Retomando as origens destes estudos e as primeiras obras produzidas neste âmbito, devemos dar ênfase a primeira contribuição teórica, que foi elaborada por Raymond Williams, crítico de literatura que a partir de *Culture and Society*, obtendo um olhar diferenciado da história literária, mostrando a cultura como uma categoria-chave conectando a análise literária e a investigação social (JOHNSON et al., 2010).

Segundo Silva (2009), Williams nos ajuda a localizar o amplo impulso que motiva não apenas a tradição britânica dos Estudos Culturais, mas todas as tradições dos EC: identificar e articular as relações entre cultura e sociedade, buscando para além do tradicionalismo dos estudos sociais e da antropologia, em suas relações de lutas de classes e do capitalismo, pensar outros fatores que influenciam esta

articulação, como o gênero, a etnia e as produções culturais.

A segunda contribuição teórica foi de Thompson, pode-se dizer que esse autor influencia o desenvolvimento da história social britânica, dentro da tradição marxista (JOHNSON et al., 2010). Tanto o pesquisador Williams, quanto o Thompson, concordavam que a cultura era uma rede de práticas e colocavam o indivíduo em primeiro plano.

Para Johnson 1986, os Estudos Culturais são tanto uma tradição intelectual quanto política, pois, “Existe uma espécie de dupla articulação da cultura dos Estudos Culturais, onde cultura é simultaneamente o terreno sobre o qual a análise se dá, o objeto de estudo e o local da crítica e intervenção política”. (SILVA, 2009, p. 15). Compreender como se constroem os enunciados discursivos marginalizantes, é um propósito que articula conhecimento intelectual e política, pois, neste âmbito, busca-se romper com a norma elitista, ou seja, a ideia de “o que pode e o que não pode ser considerado cultura”.

Nesta perspectiva de trabalho, o que buscamos é compreender a dinâmica de outras culturas mediante a cultura popular, uma vez que para muitos sujeitos o mundo existe por meio da cultura popular. A estrutura ideológica, a qual buscamos compreender, é o estudo dos meios de comunicação e caracteriza-se pela cobertura midiática.

Para Hall (1980) essas questões fundamentais dos Estudos Culturais estavam em divergência, tanto com o funcionalismo, quanto na teoria crítica, onde o funcionalismo era visto como um grande organismo vivo tendendo ao equilíbrio no qual os conflitos eram tratados como anomalias, ou onde a teoria crítica via uma sociedade dominada, submetida completamente ao poder do capitalismo e da mídia. Os Estudos Culturais enxergam os conflitos, a luta e a disputa hegemonia por classes, setores e blocos diferenciados, e então, a cultura deve ser ressignificada no sentido de que possamos questionar esses conflitos e desigualdades gerados pelo poder. E como, dentro dos Estudos Culturais, podemos compreender esses movimentos de conflito? Para isso, acreditamos que precisamos compreender como funcionam os currículos dentro dessa articulação.

2.2 Do currículo formal ao oculto: da perspectiva tradicional a pós-crítica

Antes de começarmos a falar sobre o currículo tradicional, iremos comentar como o currículo iniciou sua história e como ele é entendido hoje pela sociedade. Quais são as teorias que trazem essas possibilidades para olharmos em uma

perspectiva curricular no cenário escolar?

O currículo aparece pela primeira vez, como um objeto específico de estudo e de pesquisa nos Estados Unidos, anos Vinte. Em conexão com o processo de industrialização e os movimentos migratórios que intensificavam a massificação da escolarização (SILVA, 2013, p. 12).

Entretanto, é preciso ressaltar que o currículo era visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, pois suas preocupações partiam dos sujeitos vinculados à administração da educação desvinculando-se das particularidades e subjetividades hoje discutidas no meio educacional.

Existem várias possibilidades e maneiras de compreender o currículo escolar. Aqui, o que nos interessa é partir da compreensão de que, em todo caso, “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2009, p. 15) e que, posteriormente, constituirá uma prática.

O currículo acaba numa prática pedagógica [...]sendo a condensação ou expressão da função social e cultural da instituição escolar, é lógico que, por sua vez, impregne todo tipo de prática escolar. O currículo é o cruzamento de práticas diferentes e se converte em configurador, por sua vez, de tudo o que podemos denominar como prática pedagógica nas aulas e nas escolas (GIMENO, 2000, p. 26).

Nesse viés, a concepção de currículo na educação foi se movendo em diferentes práticas pedagógicas. Com o intuito de compreender esses conceitos, Silva (2013) apresenta a ideia do saber: “qual conhecimento deve ser ensinado? ”; de identidade: “que tipo de sujeito nos tornamos” e também o poder: “o que o currículo deve ser? Quais são os critérios de seleção? Quais os tipos de conhecimentos? ” À vista disso, argumentaremos três teorias curriculares, sendo elas: as tradicionais, às críticas e as pós-críticas.

A teoria tradicional restringiu-se em teorias “neutras” com o objetivo de valorizar o ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência e objetivos, ou seja, ela não se preocupa em questionar as organizações educacionais.

John Franklin Bobbit foi um dos principais teóricos de 1918. Para ele as disciplinas curriculares estavam pautadas em um campo especializado dos estudos, isto é, educação de massas que permitiam uma educação voltada para a indústria formando sujeitos empregáveis. De acordo com Silva (2013, p. 22-23),

As respostas de Bobbitt eram claramente conservadoras, embora sua intervenção buscasse transformar radicalmente o sistema educacional. Bobbitt propunha que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial. Tal como uma indústria, Bobbitt queria

que o sistema educacional fosse capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa [...].

Dentro da perspectiva do currículo tradicional, o conhecimento dá-se por meio da transmissão de conteúdos que serão assimilados e decorados para serem aplicados a práticas. Esse ensino, tinha como objetivo atingir a máxima eficiência já que era um espaço de formação do aluno na preparação para a vida adulta e para o mercado de trabalho.

“Na proposta de Bobbitt, a educação deveria funcionar de acordo com os princípios da administração científica proposto por Taylor” (SILVA, 2013, p. 23). Nesta concepção, o taylorismo buscava uma padronização na administração econômica, que por sua vez, procurava atender a necessidade do “mercado”. Diante disto, a sociedade encontrava-se em conflito com essa desigualdade social, pois o currículo tradicional pressa a obediência e a passividade.

Conforme o exposto, o currículo limitava-se na capacidade de armazenamentos de informações dos sujeitos, pois eles eram vistos como meros repetidores de conteúdo, e quem avaliava os resultados esperados eram os professores que também favoreciam uma cultura conservadora e burocrática.

As teorias curriculares críticas surgiram na década de 60, em um período de grandes agitações e transformações em alguns países, principalmente na França e Estados Unidos. Silva (2013), ressalta quais foram os movimentos que fizeram parte dessa mudança:

Os movimentos de independência das antigas coloniais europeias; os protestos estudantis na França e em vários outros países; a continuação do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos; os protestos contra a guerra do Vietnã; os movimentos de contracultura; o movimento feminista; a liberação sexual; as lutas contra a ditadura militar em Brasília. (SILVA, 2013,p.29).

As teorias críticas do currículo são o inverso dos fundamentos das teorias tradicionais, pois elas questionam que não existe uma neutralização, já que essa teoria está embasada na relação de poder. O plano teórico dessa teoria está embasado na concepção marxista, uma vez que, ela olha a sociedade capitalista com desconfiança, e reconhece nessa sociedade a luta de classes, isto é, essa sociedade está dividida em classes antagônicas que sob a forma de luta opõe a burguesia do proletariado.

Outro fato importante sobre essa teoria, é que ela discute que a educação é um instrumento de discriminação social, na medida em que reforça e legitima a marginalização cultural escolar, pois a escola cumpre seu papel no processo de reprodução que a sociedade capitalista “necessita” que seria “força de trabalho e

meios de produção”.

A ideologia está dividida em duas classes, a burguesia e o proletariado, que por sua vez, foi obtida por meio da força e convencimento da repressão. O primeiro mecanismo está a cargo dos aparelhos reflexivos do estado (polícia, tribunais e prisões). A segunda é de responsabilidade dos aparelhos ideológicos do estado (religião, escola, mídia e a família). Para Althusser (1983), a produção e a disseminação da ideologia são feitas pelos aparelhos do estado que se situa de modo privilegiado perante as minorias.

A partir da década de 80, intensifica-se o debate teórico sobre os problemas curriculares em uma tentativa de questionar a escola reprodutora da hegemonia dominante e das desigualdades sociais.

“[...] a concepção de currículo como elenco de disciplinas ou listagem de conteúdos e se pensou no sentido de que todas as atividades da escola são significativas para o saber do aluno, para sua apropriação de conhecimento” (BERTICELLI, apud COSTA, 1998, p. 159).

Diante do exposto, as classes trabalhadoras começaram a se organizar por meio de debates sobre os problemas educacionais enfrentados pela sociedade, pois, a partir do momento que o sujeito conhece a situação que ele se encontra na sociedade ele fica indignado de olhar a sociedade e ver nela a reprodução da desigualdade social.

A teoria pós-crítica originou-se após as teorias críticas iniciadas nas décadas de 60 e 70 nas concepções da pós-modernidade e pós-verdade, sendo um movimento que alicerça que estamos vivendo em uma nova época histórica. Essa teoria representa um conjunto variado de perspectivas, abrangendo uma diversidade de campos políticos, estéticos e epistemológicos.

Quando falamos da pós-modernidade, que deu início na metade do século XX, abordaremos conceitos de pluralidade e possibilidades, ou seja, não há pensamentos fechados. Com isso, há uma oposição ou transição entre a modernidade iniciada com a renascença e consolidada com o iluminismo.

Por esse viés, ela busca se caracterizar por criticar toda depreciação de progresso cultural e histórico de grupos étnicos. Enquanto a teoria crítica permitia uma perspectiva libertadora e conceitualmente crítica ao favorecimento das massas populares, a teoria pós-crítica busca superá-la, por meio de questionamentos sociais, políticos e econômicos. Além disso, a pós-crítica discute temas, como: identidade, gênero, raça, etnia, sexualidade, relativismo, hibridismo, significação, discurso, saber, poder e representação.

Neste sentido, as teorias pós-críticas trazem como um eixo uma concepção de currículo multiculturalista. Para Silva (2013, p. 85), “o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados [...] para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional”.

A vista disso, esse currículo implica na capacidade de entender e respeitar outras culturas. Todavia, essa abordagem do currículo pós-crítico é mais problematizadora do que as teorias críticas, ou seja, auxilia na compreensão relacionada ao processo de dominação. Silva ressalta que “as teorias pós-críticas olham com desconfiança para conceitos como alienação, emancipação, libertação, autonomia, que supõem, todos, uma essência subjetiva que foi alterada e precisa ser restaurada” (SILVA, 2013, p.149-150).

Portanto, essas perspectivas elevaram suas condições como um foco principal ao sujeito, criticando padrões que eram considerados “rígidos” na modernidade e buscando romper com a lógica positivista tecnocrática e racionalista, além disso, superando as verdades que eram ditas como absolutas, ou seja, essa tentativa de superar, não se dá por completa.

2.3 Estudos de Gênero, Pedagogia Feminista, Feminismo Negro, e identidade/Identificação

Para começarmos a falar sobre gênero, temos que primeiramente entender qual é a importância de pensar sobre o conceito de subjetividade, para podermos discutir sobre gênero, sexualidade e diversidade. A palavra subjetividade pode ser compreendida a partir de diversos significados, e aqui compreenderemos a subjetividade como aquilo que diz respeito ao que somos.

A subjetividade, em sua relação com a identidade de gênero ou da nossa orientação sexual (que são conceitos distintos), trata-se daquilo que elaboramos em nossa subjetividade e nos relacionamos com as pessoas. Diante disso, discorreremos a ideia que não nascemos determinados a priori e estabilizados em uma identidade fixa, e é por meio da educação familiar, escolar e social, que vamos nos formando. Uma das coisas que aprendemos desde crianças é o significado de ser mulher, e o de ser homem, ou como mulheres e homens devem se relacionar entre si, e quais são os diferentes lugares que eles ocupam na sociedade, ou seja, esses símbolos padronizados e binários, de dicotomização entre o certo e errado, o bonito e o feio, acompanham os indivíduos durante todo seu processo de desenvolvimento e subjetivação.

O gênero está relacionado a identificação dos sujeitos, a maneira que nos vestimos, gestos e hábitos, ou seja, o gênero está em conexão do feminino ao masculino. A sexualidade se relaciona com a prática social, enquanto o gênero vai se associar com as características da identidade individual, a sexualidade refere-se sobre a orientação sexual de um indivíduo.

Com isso, muitas autoras feministas propuseram uma série de revisões na forma de definir o gênero, principalmente para contribuir com o estudo sobre raça, etnia, sexualidade e diferenças culturais (COMINomin et al., 2012).

O feminismo emergiu no fim do século XVIII, com as revoluções democráticas. Entretanto, o ponto de vista inicial desse movimento, foi a contestação da exclusão de mulheres nos direitos universais da revolução francesa, pois elas lutavam por igualdade política e jurídica, levando para as ruas, mulheres brancas e de classe média, que tinham como algumas de suas principais reivindicações as pautas de questionamento ao direito ao voto e da segregação de profissões, pleiteando o direito de ocuparem empregos para além do espaço privado do lar.

No Brasil, o grande nome ligado a primeira onda feminista, é o da Nordestina Nísia Floresta (1810-1885), que desafiou os limites do seu tempo para seguir uma trajetória que a tornaria educadora e escritora. Nísia foi a primeira autora a publicar um livro no país, o “Direitos das mulheres e a injustiça dos homens”.

No entanto, somente em 1970 foi mencionado sobre o feminismo negro que por sua vez só entrou em pauta pelo fato das militantes negras denunciarem essa invisibilidade de mulheres negras na voz dos movimentos feministas. Com isso, as críticas dessas militantes mostraram que o discurso universal é excludente, ou seja, as mulheres são oprimidas diariamente de formas diferentes, e se faz necessário discutir gênero com recorte de classe e raça (RIBEIRO, 2018).

Neste sentido:

O feminismo clássico (mulheres brancas, heterossexuais, de classe média), contrapõe o feminismo descolonial, ou seja, uma genealogia do pensamento produzido a partir das margens e comprometido com o desmantelamento da matriz de opressão múltipla, assumindo um ponto de vista que não seja eurocentrado (FUNCK, 2014, p. 24).

Analisando isso, buscamos questionar o feminismo clássico, onde o feminismo decolonial propôs “dar voz” e visibilidade as mulheres afrodescendentes e indígenas, dando início a um trabalho de revisão do papel e da importância na criação e na resistência de suas comunidades (FUNCK, 2014).

Dando continuidade, nos anos 60 e 70, entra em cenário a segunda onda feminista, e com ela o direito ao corpo, a luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade. O aborto, a violência sexual, e a homossexualidade ganhavam

uma atenção mundial e a sociedade brasileira recebia essas notícias pelas fontes midiáticas. Já nos anos 80, a interseccionalidade entrou em pauta e o feminismo teve bastante repercussão por duas autoras negras: Ângela Davis e Patrícia Rio Collins, que trouxeram o debate de gênero associado às categorias de raça e classes fragmentadas ao discurso universal.

Dessa maneira a autora se expressa, “nosso movimento de mulheres é um movimento de mulheres no sentido de que é conduzido e dirigido por mulheres pelo bem de mulheres e homens, pelo benefício de toda a humanidade [...]” (DAVIS, 2017, p.15), mas destacamos que

o movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação as especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários (RIBEIRO, 2018, p.47).

Nessa perspectiva, abordamos a natureza interseccional do Feminismo Negro Brasileiro como uma alternativa política para a compreensão e o enfrentamento das opressões de gênero e raça pelas mulheres negras.

Nesse mesmo seguimento, segundo Louro (2014), os Estudos Feministas sempre estiveram centralmente preocupados com as relações de poder. Com isso, superar as dicotomias foi e é um dos principais desafios dos Estudos Feministas. Existe representatividade para essas cientistas? Como devemos realizar este processo de Identificação? (HALL, 2006).

Considerando-se as diferentes formas de abordagens sobre identidade/identificação, apresentaremos uma análise sobre a perspectiva dos Estudos Culturais do autor Stuart Hall em “A identidade cultural na pós-modernidade (2004)”.

Repensando na proposta da modernidade, Stuart Hall considera a questão das velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, pois, essas identidades estão em declínio em favor das novas identidades. Com base nessa perspectiva, o autor questiona a existência de uma “crise de identidade” e como esse conceito foi se construindo ao longo dos séculos.

Nesta obra, o autor aborda três tipos de identidades do sujeito, a primeira delas é o sujeito iluminista, algo inerente do indivíduo, ou seja, uma identidade fixa que não mudaria ao longo de sua vida. O sociológico, que se caracteriza por um elo entre a sociedade e o indivíduo, permitindo que essa identidade se modifique mediante a intervenção de sujeitos próximos. E a pós-moderna, sendo caracterizada pela identidade do indivíduo totalmente fragmentada, e os sujeitos estão em uma constante transformação, ou seja, ele passa a assumir identidades diferentes a todo o momento.

É neste último sentido, e diante da crise da identidade, que o autor propõe que utilizemos o conceito de identificação, e não mais o de identidade, pois este último estaria ligado a uma estabilização da subjetivação dos sujeitos, e cairia por terra toda a potencialidade de pensarmos a nossa “identidade” como processo de construção social. Quanto ao termo “identificação” mantém uma mistura de identidade com a ação contínua de subjetivação dos sujeitos em constante reconstrução e reformulação.

Portanto, considerando este último sentido nos propusemos a questionar, como se (re)constroem as identificações das cientistas mulheres e especificamente mulheres negras ao longo da história? Quais elementos atravessam suas vidas no processo de identificação e como eles podem ser rearticulados as vidas de futuros estudantes dando outras possibilidades de (r)existência?

2.4 Mídias e Sociedade

A humanidade vive em contínuas transformações, e com elas a sociedade contemporânea se expande e se diversifica cada vez mais e em ritmo acelerado. A informação é a principal ferramenta utilizada dentro de uma estrutura tecnológica para os meios de comunicação. Nesta perspectiva, faz-se necessário uma reflexão sobre como os profissionais dessa área narram as transformações da sua realidade, e com isso tecer uma “crônica” registrando os fatores que são considerados mais importantes naquele momento, tornando um divulgador do discurso jornalístico para a sociedade. Neste contexto, é de suma importância analisar o mito que a sociedade capitalista reproduz: “o sujeito vence pelo mérito próprio”.

Dito isso, buscamos analisar as representações que têm sido difundidas em enunciados jornalísticos bem como no conteúdo das notícias, principalmente as que falam sobre corpos negros. Para isso, nos atentaremos a esses textos tendo em vista a análise de quais as situações são apresentadas a respeito do percurso da mulher negra e como a sociedade se porta diante de tais notícias.

Deste modo, evidenciaremos como o fato dessas mulheres sofrerem preconceitos, como suas vivências pessoais e suas experiências desde o seu nascimento, bem como suas conquistas e fracassos podem afetá-las durante a sua vida. Assim, esse estudo está embasado com as questões sobre o racismo institucional, enfatizando-se a desigualdade social em que as mulheres negras se encontram.

Para o desenvolvimento deste estudo, apresentaremos conteúdos que nos auxiliam sob o viés dos Estudos Culturais, com o objetivo de compreender esses elementos de (r)existência de mulheres nas universidades brasileiras. De maneira

mais específica, para desenvolvermos esses questionamentos e reflexões a respeito dessas culturas que são marginalizadas diariamente pela nossa sociedade, suas diversidades e multiplicidades, é de grande importância torná-las visíveis, pois, somente assim será possível compreender suas estruturas criando novas possibilidades.

Diante do exposto, e dos questionamentos entre a elite e as culturas eruditas, que tinha como principal característica o estudo de classes trabalhadoras, mulheres, feminilidades, raça e etnicidade, com o intuito de relevar os discursos marginais, não-oficiais desestruturando os processos que tem excluído mulheres, minorias por muito tempo mediante as relações de poder e hierarquia.

Portanto, é nesse contexto, da cultura como espaço de luta pela (re)significação, que começa a ser construída, ou seja, alguns questionamentos começam a tomar potência principalmente quanto a construção de alguns conceitos dicotomizados: “Analfabeto, alfabetizado, homem, mulher, índio, negro, branco”. Por fim questionamos, “Quem são os sujeitos que contam essas histórias?”, “Quais elementos são postos e articulados diante de nós que nos fazem aceitar determinados discursos?”. Conforme o que foi dito, temos que compreender essas conexões de elementos discursivos, em suas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa dos Estudos Culturais (JOHNSON et al., 2010). Pois nesta compreensão estaria as possibilidades de repensarmos as hierarquizações e relações de poder.

Partilhando dessa ideia, este trabalho busca compreender nas entranhas das histórias midiáticas de Joana D’Arc, e a negação por parte dos meios de comunicação que é um dos fatores que determinam para que haja o silenciamento dos corpos negros, além de uma falsa ideia de que comunidade negra não é um grupo que apresenta características sociais e culturais em comum, que possuem uma conexão entre si, uma identificação que interliga suas histórias e passados.

Por conseguinte, o intuito do jornalismo na sociedade de consumo é interpretar, traduzir informações, transmitir e fazer uma escolha interessada do que será difundido. Para Fischer (1997) “a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos”. Portanto, não basta apenas dar a informação, é necessário saber interpretá-la atribuindo-lhes sentidos e precisões na produção de um material dando ao leitor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo analisar em como a vida de Joana D’Arc Felix de Sousa é trazida nos jornais sendo uma mulher negra pesquisadora. Para isso, compreenderemos como o processo de afetação e produção da identificação do ser mulher negra pesquisadora se constrói mediante as etapas da educação vivenciadas por ela.

Com isso, buscaremos sob a perspectiva dos Estudos culturais sanar aquilo que nos inquieta: “o que motiva ou silencia as possibilidades de (r)existência das mulheres dentro das universidades Brasileiras?” E quais elementos (midiáticos e discursivos) que causam o distanciamento, marginalizando e silenciando as mulheres da profissão de cientistas a partir da história da Joana D’Arc?

3.2 Objetivos específicos

Com o intuito de atingir o objetivo principal deste trabalho, articulamos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como se (re)constroem as identificações das cientistas mulheres e especificamente mulheres negras ao longo da história;
- Conhecer em primeira mão as histórias contadas pela sujeita de pesquisa, Joana D’Arc para entender os elementos que fizeram com que ela adentrasse na carreira acadêmica;
- Analisar o discurso midiático com relação a como a história de Joana D’Arc é apresentada pelas manchetes, como também compreender em como a mídia expõe o homem e a mulher nos jornais;
- Quais elementos atravessam suas vidas no processo de identificação e como eles podem ser rearticulados as vidas de futuros estudantes dando outras possibilidades de (r)existência?

4 METODOLOGIA

4.1 Percurso metodológico e nossa sujeita de pesquisa

A metodologia que adotamos aqui, foi baseada nos estudos realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Inclusão e Diversidade (NEPECID), junto com ideias que surgiram e foram se (des)construindo em outros trabalhos de conclusão de curso do próprio grupo de pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – campus Campo Mourão. Outro fato importante que me consolidou em realizar essa pesquisa foi primeiramente a minha experiência como graduanda, que muito ajudou a (des)construir ideias e ao perceber as dificuldades que eu enfrentava, enquanto mulher, pobre, com o estudo escasso que a educação pública ofertou a mim e tantos jovens no intuito de formar sujeitos empregáveis, e não críticos. Outro motivo extremamente importante, foi como mulher, negra de cabelo crespo, me deparei com situações que me repreenderam, como o preconceito e a discriminação, o que de fato me impulsionou ainda mais o enfretamento, a coragem de ser forte, e a longa jornada de lutar pelos direitos das mulheres, do reconhecimento enquanto mulheres cientistas pesquisadoras, e mulheres cientistas não pesquisadoras ao longo da minha carreira.

Inicialmente, o interesse em realizar essa pesquisa partiu da forma inquietante em como a mídia expõe os corpos negros nos enunciados e manchetes, desconsiderando quase que completamente os episódios de racismo que os assolam diariamente e qualquer discriminação racial que tenham sofrido durante a infância, quais foram as dificuldades que encontraram em seu percurso escolar e em toda sua trajetória profissional.

Para compreendermos como ocorre este processo, e em meio a um episódio ocorrido com uma pesquisadora negra, passamos a dialogar com a nossa entrevistada, Joana D'Arc Félix de Sousa. Nascida em vinte e dois de outubro de 1963 em Franca (SP), tem graduação em bacharel em Química Tecnológica, mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado na Universidade de Campinas (UNICAMP) e é Especialista em Reaproveitamento de Resíduos do Setor Coureiro Calçadista para a produção de produtos para as áreas Biológicas, da Saúde, Química, Agropecuária, Energias Renováveis e Construção Civil. Atualmente ela exerce a profissão de Professora e pesquisadora na área de Química, em uma Escola Técnica na cidade de

Franca que fica no interior do Estado de São Paulo.

Para a realização desse projeto de pesquisa, fizemos uma entrevista via Google meet com a Joana D’Arc, seguida de um questionário respondido pela mesma (junto a um termo de consentimento livre e esclarecido), para relatar momentos de afetação à vida da nossa sujeita, desde sua infância, até o presente momento, e também quais foram as dificuldades enfrentadas que a sociedade impõe como barreira, e minimiza preconceitos que desmotivam mulheres e corpos negros a se tornar pesquisadores. Por essa falta de representatividade, aqui o que nos interessa, é expor a desigualdade nas universidades, escolas, livros, o que nos deixa inquietos e em busca de novas possibilidades.

Dando sequência em nosso projeto, a sujeita de pesquisa firmou um compromisso mediante a um termo de consentimento datado e assinado pela mesma, consentindo que utilizássemos registros que foram adquiridos por meio de entrevistas gravadas virtualmente, como também possíveis questionários escritos conforme as necessidades da pesquisa.

Para isso, utilizamos do “não direcionamento linearizado” com o propósito de observar as diversas informações que encontramos midiaticamente sobre a sujeita da pesquisa, buscando rearticular em um momento posterior, de forma pós-crítica, as relações de poder envolvidas nas formas de “endeusamento” das(os) cientistas após a morte, negando-se qualquer um dos processos de silenciamento e marginalização que enfrentaram ao longo de suas carreiras acadêmicas e científicas.

Pensando deste modo, fizemos a seguinte reflexão: e Joana D’Arc, o que falam sobre ela? Ela se tornou a “fake News de Harward”? O que as mídias nos conta(ra)m? Que modos de identificação são apresentados pelas mídias? O que Joana D’Arc nos conta? Elencamos esses questionamentos porque as redes sociais reproduzem modos de identificação e representação que muitas vezes omitem vários elementos de forma interessada, visando delimitar modos de ser e estar, o que gera a marginalização de várias outras possibilidades de existência.

Nesta perspectiva, buscamos realizar uma rearticulação desses elementos por vezes “esquecidos” que fortalecem ou enfraquecem determinados discursos de preconceito e exclusão, e contribuir com novas possibilidades de identificação de futuras estudantes, visando por fim, inquietar aos que aqui leem, e potencializar o que problematizamos neste trabalho, que se trata de responder a seguinte questão problema: Quais elementos (midiáticos, discursivos e outros) que causam o distanciamento, marginalizando e silenciando as mulheres da profissão de cientista a partir da história de Joana D’Arc?

4.2 Conquistas realizada por Joana D’Arc

Nesta seção, apresentaremos títulos e prêmios que Joana D’Arc conquistou ao longo da sua caminhada como pesquisadora, pois, ela acredita que a ciência move o país, e o país se desenvolve com novos talentos, ou seja, ela relata em entrevista que enxerga nos jovens uma chance de mudar o mundo, e isso se dá por meio da educação, com o direito que todos podem conquistar o seu espaço no mundo e construir seu futuro.

Joana D’Arc, foi gratificada com inúmeros prêmios, aqui cabe falar dos prêmios que a mesma apresentou em relatos. Por estas atividades acadêmicas diferenciadas, ela já foi agraciada com 108 prêmios e honrarias nacionais e internacionais, dentre as quais se destacam: Prêmio Kurt Pulitzer de Tecnologia 2014 (em que foi eleita a pesquisadora do ano), concedido pela Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUM); personalidade do Ano no Prêmio Faz Diferença, concedido pelo Jornal O Globo em 2018; título de Professora Honoris Causa, concedido pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão em 2018; medalha Theodosina Ribeiro 2018, concedida pela Assembleia Legislativa de São Paulo, prêmio Sim à Igualdade Racial 2018, na Categoria Inspiração, concedido pelo ID_BR (Instituto de Identidades do Brasil); Genius Olympiad 2017, concedido pela State University of New York at Oswego Campus; Prêmio CRQ-IV (Conselho Regional de Química da 4^o Região) nos anos de 2017, 2015 e 2014; prêmio de Reconhecimento Científico do Projeto “Pele Humana Para Transplantes e Testes Farmacológicos”, concedido pela American Association of Pharmaceutical Scientists (AAPS) na INTEL ISEF 2014, em Los Angeles/Califórnia/USA. Professora Destaque da Mostra Paulista 2013; prêmios na FEBRACE (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) na USP/São Paulo, nos anos de 2019, 2018, 2017, 2016, 2015, 2014 e 2013; prêmios na MOSTRATEC (Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia) em Novo Hamburgo/RS, nos de 2015 e 2014; prêmios na MOP (Mostra Paulista) em São Paulo/SP, nos anos de 2017, 2014 e 2013, prêmio Couromoda de Boas Práticas Socioambientais no Setor Coureiro-Calçadista de 2008, na Categoria Inovação em Produto; e moção de Aplausos e Congratulações na Câmara Municipal de Franca nos anos de 2018, 2017, 2014, 2013 e 2002.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 O que as mídias nos conta?

A partir daqui, apresentaremos algumas entrevistas de ampla divulgação que envolvem o nome de Joana D’Arc, com o intuito de se aprofundar em como são construídas as representações de uma mulher negra pelas mídias de grande veiculação.

Com isso, apresentamos a seguir alguns trechos e manchetes de jornais on-line essenciais ao desenvolvimento desse estudo, pois, sem essas notícias, não teríamos muitas das informações necessárias para a evolução do projeto de pesquisa que por sua vez está pautado na investigação do que foi e tem sido publicado sobre a trajetória da pesquisadora Joana D’Arc e sua construção de identidade racial no ambiente acadêmico.

Por esse caminho, analisamos “o que tem saído na mídia?”, para podermos por meio desse questionamento compreendermos e desenvolvermos críticas e reflexões a respeito de culturas marginalizadas, suas diversidades e multiplicidades, objetivando possibilidades de torná-las visíveis perante a uma sociedade que silencia corpos negros.

Diante do exposto, buscamos investigar possíveis (re)articulações dos enunciados de jornais on-line contendo o caso da nossa sujeita de pesquisa Joana D’Arc, partindo inicialmente da manchete “Professora que vai virar filme tem diploma falso em Harvard” publicada pelo jornal Estadão em maio de 2019. Nessa continuidade, a matéria do jornal em questão mostrava entrevistas de Joana D’Arc, seu currículo e sua vida, que apresentavam inconsistências de discursos, ou seja, deu a entender que ela realizou determinadas atividades e possuía títulos que ela não portava.

Mediante aos recentes casos envolvendo informações falsas nos currículos de pessoas contratadas pelo atual governo, emergem inquietações por parte dessa pesquisa. “Por que esses casos (de sujeitos que também apresentaram inconsistências em seus currículos) não tiveram o mesmo apelo midiático?”, “vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa?”, “Somente os corpos negros e mulheres são julgados pela sociedade?”.

Para repensar nessas indagações já mencionadas, destacamos também o caso

de Carlos Alberto Decotelli da Silva, homem negro, economista, que ocupava o cargo de ministro da Educação quando o jornal Estadão publicou a seguinte manchete: “Reitor de universidade diz que ministro da Educação fez curso, mas não concluiu doutorado” em 26 de junho de 2020, e o texto que seguia a manchete afirmava “reitor Franco Bartolacci da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina, anunciou que Decotelli não obteve o título de doutor na instituição, como consta em seu currículo”.

Ainda nesse mesmo caminho, destacamos o caso de Ricardo de Aquino Salles, homem branco, ministro do Meio Ambiente, conforme o jornal Folha de São Paulo onde publicaram a seguinte manchete “Ministro do Meio Ambiente não estudou em Yale” onde constava que a assinatura de um artigo publicado por Salles no ano de 2012 na seção Tendências/Debates da Folha incluía, em sua biografia, a formação em Yale. Após essa notícia, o erro foi revelado pelo site The Intercept Brasil na mesma semana. Em nota, o jornal declara “à Folha, o Ministro confirmou que não estudou em Yale e disse que o equívoco foi cometido por sua assessoria de imprensa, que, segundo ele, enviou o texto ao jornal em 2012”. Diante disso, a Folha de São Paulo publicou a seção “Erramos para retificar informações incorretas, mas Salles não procurou o jornal para corrigir o erro”.

Outro ponto de grande importância para a nossa pesquisa, é o caso de Wilson Witzel, homem branco, ex-governador do rio de Janeiro, conforme o jornal Estadão em maio de 2019 onde publicaram a seguinte manchete “Witzel cita em currículo doutorado em Harvard sem nunca ter estudado na instituição”. Em nota, o jornal declara que “O governador Witzel informou em seu currículo Lattes que parte do seu curso de doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF) teria sido na universidade americana Harvard”. Com isso, o jornal ainda cita que a informação, no entanto, é falsa. e que a denúncia foi feita pelo jornal O Globo. A assessoria do governador informou que “não há erro” e que o registro da plataforma Lattes dizia a respeito de uma “intenção” de Witzel a possibilidade de aprofundar seus estudos em Harvard.

Apesar do ocorrido, dias depois da exposição midiática sobre o caso do ex Ministro da Educação, o Presidente Jair Bolsonaro aceitou a carta de demissão de Decotelli, que foi nomeado ministro da educação uma semana antes da notícia e logo em seguida teve seu currículo questionado, sendo que as ridicularizações em torno do ocorrido geraram tanta repercussão que o governo solicitou ao economista que ele deixasse o cargo, ou seja, apenas Decotelli foi “questionado” e “forçado” a deixar seu cargo como ministro, o que no caso de Salles e Witzel não aconteceu. Por que o próprio Decotelli renunciou seu cargo? Por qual motivo os casos de Witzel e Salles não tiveram repercussões tão drásticas quanto o de Decotelli? Por que o governador

Witzel e o Ministro do Meio Ambiente continuaram em seus cargos no governo? Tais questionamentos, nos deixam frustrados em ver mais uma vez em como o preconceito está nítido a cada notícia publicada pela mídia e que repercutem muito para a comunidade.

Nessa continuidade, Joana D'Arc também sofreu diversas ridicularizações após a revelação de que não possuía diploma de Harvard, perdendo não só a oportunidade de mostrar sua história ao mundo por meio de um filme, para inspirar novas crianças e mulheres, como também sofreu o cancelamento de muitas palestras que iria ministrar pelo país, já que nossa sujeita era considerada um ícone de superação “mulher, cientista e negra”. Depois de trazer todos esses dados, mais uma vez fazemos a seguinte reflexão e inquietação “Qual é a razão da sociedade em que vivemos cobrar e perseguir somente os erros dos corpos negros e/ou das mulheres?”.

Para tal e em contexto de carreira e narrativa da história no caso de Joana D'Arc, mulher negra, de periferia, que foi “silenciada” pela sociedade porsupostamente declarar ter cursado Pós-doutoramento na universidade de Harvard, asmanchetes a tornaram um alvo de inúmeros ataques racistas imediatamente após a publicação de notícias que contestavam seu currículo, transformando-a em uma pessoa ridicularizada por determinados sujeitos.

De acordo com a matéria publicada na revista *Época*, em maio de 2019, Frei David Santos, (diretor da Educafro, organização não governamental com sede em São Paulo que atua para aumentar o acesso de negros brasileiros a instituições de ensino de qualidade) e o Fabrício de Oliveira, (presidente da Fowler, loja especializada em cultura suburbana no Rio de Janeiro) divergem sobre o caso de Joana D'Arc Félix de Sousa, contendo pontos de vistas que se faz extremamente necessário para esse projeto de pesquisa.

Segundo Frei David Santos, Joana D'Arc não se sentiu confortável em partilhar informações, e ele ainda destaca que ela tem sido corajosa e que a mesma tem falado para as pessoas próximas que reconhece que adotou o recurso da mentira. Ele ainda ressalta que o fenômeno e a prática da mentira são muito mais fortes na sociedade do que se imagina, e também declara que o ser humano deseja necessariamente criar um conforto que dê sentido a sua existência, e que há uma doença da mentira chamada mitomania, onde a pessoa cria uma realidade hipotética e passa a acreditar nela.

No caso de Fabrício de Oliveira, ele destaca que Joana D'Arc vive em um país onde não se valoriza o trabalho da pessoa negra, e enfatiza que isso é visível, pois no Brasil, é preciso ser um super-herói para ser um negro valorizado. Alguns dos itens para ser reconhecido são falar seis idiomas, estudar na melhor universidade e passar

por tudo na vida, é só quando se torna um Super-Homem ou uma mulher Maravilha que passa a ser reconhecido pela sociedade.

Ainda nesse contexto, notamos opiniões que seguem em sentidos diferentes dos autores, e com base nisso, podemos expressar que, diante das falsas afirmações, as pessoas “esqueceram” totalmente dos outros títulos e conquistas que Joana D’Arc já havia conquistado evidenciando somente esse episódio de sua vida e colocam em segundo plano toda sua formação já conquistada, ou seja, omitem que ela é química, professora, pesquisadora, cientista brasileira, ganhadora do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia (2014) na categoria "Pesquisadora do Ano", mestre e doutora pela Unicamp, dentre tantos outros triunfos que merecem reconhecimento, em outras palavras, todas essas informações que ela porta em seu currículo não foram apagadas ou desconsideradas.

Nessa sequência, levantamos a questão “por qual motivo a sociedade “esquece” somente os atos cometidos por Salles e Witzel (homens brancos) sem questioná-los ou ridicularizá-los?”. Por este motivo, muitas pessoas sequer lembram desses casos, isso porque foram abafados e assim não tiveram um espaço considerável na mídia em eminência de serem menosprezados, e cancelados.

São as encruzilhadas destes elementos diversos, de cor, de gênero e de poderes que são atravessados e articulados, aproximando ou distanciando os sujeitos de determinados espaços. Como a mídia cria laços entre determinados sujeitos e os espaços de poder e distanciam outros (negros, mulheres e pobres)? A mídia é um potente elemento que se articula a determinados atores que podem facilitar determinados espaços para sujeitos brancos, heterossexuais, homens, cis e ocidentais. É neste sentido, de compreender estas articulações, que compreendemos que este tipo de trabalho possa contribuir para romper com espaços midiáticos articulados que marginalizam e extinguem mulheres de determinados lócus, e com este objetivo, passamos a apresentar as possibilidades discursivas realizadas pela professora Joana, articulando assim, distanciamentos para os corpos negros.

5.2 O que nos conta Joana D’Arc

Diante do percurso metodológico desenvolvido, buscamos então, a partir deste momento, realizar um recorte de nossos resultados referente aos dados coletados da nossa sujeita de pesquisa, para assim poder compreender diversificados mecanismos de interdição dos discursos do feminino negro, partilhando ao processo de identificação e resistência de Joana D’Arc, deste modo, compreendendo-os na construção de uma rede, principalmente se tratarmos dos conceitos da Teoria Ator

Rede como a proposta por Bruno Latour (2001), no livro *A esperança de Pandora*, que diversos elementos são sobrepostos, articulados e mediados direcionando-se a entender como se produz a identificação da sujeita pesquisada. Neste sentido, quais os elementos que buscamos compreender nos discursos apresentados nos relatos da sujeita de pesquisa, que fortalecem ou enfraquecem as possibilidades de que a mulher negra pesquisadora é marginalizada e não transitam por locais como as universidades brasileiras?

Dito isso, buscamos a não totalidade analítica dos dados, ou seja, iremos desarticular os dados em sua quantidade, e assim buscaremos (re)conectar os nós desatados pelos ideais modernos, no intuito de compreender quais são os elementos que se articulam a Joana D’Arc que podem afetar as futuras cientistas quanto ao seu processo de identificação.

Pautamos nessa seção, momentos descritos por nossa entrevistada Joana D’Arc, em razão do que foi apresentado anteriormente que foram pesquisas relacionadas e histórias elaboradas pela mídia, na qual tivemos somente um ponto de vista, no caso, o que a mídia apresenta. Dessa maneira, e seguindo a metodologia utilizada, abordaremos também a narrativa da própria sujeita em questão, a fim de traçarmos caminhos de (r)existência que Joana D’Arc enfrenta diariamente. Passamos a apresentar nas próximas páginas, alguns elementos que fortalecem ou enfraquecem a potencialidade dos discursos racistas, buscando rearticula-los e (des)potencializa-los.

5.3 Elemento 1: A “Força” da Mulher Negra

No decorrer da entrevista realizada, notamos várias formas que afetaram nossa sujeita, tal qual, superação do racismo por esforço, articulando formas de discriminação, perseguições e principalmente a aceitação do racismo por ser mulher preta e ser mulher preta pesquisadora.

Na entrevista, Joana D’Arc afirma

“Tenho que ser forte porque sou mulher”, “Tenho que ser forte porque sou preta e vivemos em um país racista”, “tenho que ser forte porque sou professora, nós professores temos que estar bem todo o tempo, pois, precisamos desenvolver estratégias de ensino aprendizagem para despertar nos alunos o interesse pelos cursos, pelos componentes curriculares, para aumentar a autoestima dos alunos e estimular a criatividade, a inovação e o empreendedorismo (Diário de entrevista).

Observa-se nestes trechos, que para nossa sujeita no que tange ao ser mulher negra pesquisadora, Joana D’Arc nos traz vários elementos em seu discurso acima, que abordamos nesse trabalho, como formas de (r)existência. Em seguida, Joana

relata *“infelizmente, a mulher negra precisa vestir a farda de ser mulher forte em todo momento. A realidade não é assim. Também somos frágeis”*. Em todo seu percurso de vivência, tanto pessoal como profissional, ela se posiciona como uma mulher que tem que ser forte e resiliente todo o tempo, tanto como forma de defesa, como consequência de tudo que a mulher, e a mulher da pele preta enfrenta no mundo. Para tanto, nos estudos culturais, e na proposta de Bruno Latour (1993), não possuem elementos considerados mais fortes, ou mais fracos, vencedores e derrotados, e sim, todos são apresentados com a mesma intensidade, e se fortalecem quando conectados entre si.

A força e resiliência da mulher negra brasileira no enfrentamento da discriminação racial muitas vezes nega o direito a sensibilidades, suas manifestações a dores e ao expressar afeto, ou seja, nega-lhes possibilidades de construir-se enquanto corpos de afetos. A narrativa criada é de um corpo feminino negro sujeito apenas ao mercado de trabalho, sexo, violência e escravidão, e de maneira alguma ao cuidado e o amor.

Isso ocorre porque as relações de dominação sobre as mulheres negras carregam características históricas que traçam um perfil da mulher negra como subservientes, ou seja, que irão servir a outro de maneira humilhante, tornando-as menos capazes, “boazinha demais”, ou seja, as que não se adequa ao padrão estabelecido enquanto mulheres mansas, seriam excluídas e marginalizadas.

Neste sentido, tratar a mulher negra com inferioridade deixa-os os corpos masculinos enquanto sujeito dominador que os corpos negros nunca poderão chegar a topo por não ter traços fisionômicos aceitáveis para determinada função. “são feias pois não correspondem ao perfil eurocêntrico de beleza, fortes porque são consideraras mulheres que são capazes de enfrentar tudo, inclusive qualquer tipo de dor” (SILVA, 2000 p.4).

Como podemos observar, a mulher negra se encontra na base da sociedade sendo oprimidas durante toda sua vida, sofrendo violações em diferentes espaços ou sendo esquecidas por acharem que elas não se enquadram em um perfil escalado nos direitos de igualdade social. Por isso, é essencial que os movimentos sociais de mulheres negras e essas lutas, discutam e busquem a efetivação de direitos nos âmbitos de gênero e raça para que assim essas mulheres possuam prestígio na esfera social.

5.4 Estudo como possibilidade de “Vencer na vida”

A infância de Joana D’Arc foi humilde, estudando em escola pública, com pouco

brinquedos de lojas e muitos brinquedos confeccionados em casa, tais como: casinhas de madeira e papelão, bonecas de pano, de chuchu e de milho verde. As roupas e somente um par de sapatos, só eram comprados no mês de dezembro, após o recebimento do 13º salário do seu pai. No natal e ano novo a família de Joana se reunia na casa da avó paterna.

Seguindo com a entrevista, Joana D’Arc disse:

Minha infância foi cercada por dois tipos de sentimentos: um na rua (fora de casa) e outro dentro de casa. Na rua (fora de casa), a minha infância foi muito triste porque sofri várias chacotas por causa da cor de minha pele, do cabelo crespo, das roupas remendadas, dos sapatos furados e vários outros e, ainda tinha o apelido de “a negrinha fedida do curtume”. Dentro de casa, lugar de refugio e muita felicidade devido ao amor dos meus pais que sempre dizia “estude para vencer na vida”. Meus pais pediam para utilizar os preconceitos, as humilhações e os xingamentos sofridos, como ferramentas para vencer na vida. A estrutura familiar foi a base para a construção de tudo que sou hoje em dia (Diário de entrevista)

Diante desses fatos e articulando-nos do pensamento de resistência, para Joana, o maior incentivo para vencer, veio dos pais que sempre ensinaram a enfrentar as humilhações e o racismo, como forma de escudo, e força para lutar um dia de cada vez para se tornar uma pesquisadora e uma mulher empoderada. Para Silva (2019), enfrentar a desigualdade, e falar sobre a educação anti-racista, é de extrema importância, pois trata-se a mulher empoderada sendo aquela que se liberta de forma social e vai em busca de ser o que ela quiser, não se restringindo aos padrões que a sociedade impõe, ou seja, sendo a protagonista da sua própria história.

De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie, *Um manifesto* (2017), os pais devem ensinar as crianças que “papeis de gênero” são absurdos, ou seja, nunca deixarem lhes dizer para fazer alguma coisa pelo fato de serem meninas. Com isso, notamos que os pais de Joana D’Arc (José Félix de Sousa e Conceição Vitalina dos Santos Sousa (*ambos in memoriam*)), apesar de quase analfabetos, eram cheios de sabedoria e sempre foram a base para a construção de tudo que ela é hoje. Ela ainda relata, que os pais foram os primeiros professores, pois, a ensinaram ler antes dos quatro anos de idade, além de incentivar, e se humilhar muitas vezes para que ela pudesse estudar com dignidade.

Com isso, aqui o que nos interessa é romper com o conceito de meritocracia que está sendo ramificado pela sociedade brasileira. Analisando o que encontramos na mídia e os relatos da nossa sujeita, muitos consideram que a Joana D’Arc se tornou pesquisadora por esse conceito, desconsiderando quase que completamente todos elementos que a fizeram resistir mesmo após as manchetes absurdas em jornais, ou seja, tudo que ela conquistou foi esquecido totalmente, tal qual, o fato dela ter se tornado pesquisadora tivesse sido somente por ela ser merecedora, forte e com vontade de vencer na vida, e não por sua resistência como mulher negra.

Com isso a meritocracia se trata de um pretexto para a reprodução das desigualdades sociais, como muitos utilizam como forma de propagar o preconceito e a discriminação. “Se você se esforçar, vai conseguir”, “eu consegui porque eu mereci”, esses e outros clichês fazem parte da retórica meritocracia, que é um discurso muito comum hoje em dia.

No livro *Capital e ideologia* (2020), Piketty argumenta que a ideia de meritocracia serve para que os “vencedores” do sistema atual econômico justifiquem a desigualdade em qualquer escala, jogando nos “Perdedores” a culpa do seu próprio fracasso, ou seja, como se obter êxito fosse apenas questão de esforço individual. Para o autor, existe um abismo imenso entre a ideia de meritocracia e a realidade em si, principalmente quando se trata de pessoas mais pobres e com menos acesso à educação formal. Com isso, não podemos deixar de falar em meritocracia sem igualdade de oportunidades.

5.5 Racismo Estrutural? Discriminação racial sofrida por Joana D’Arc

Nesta seção, abordaremos especificamente as situações e as formas de enfrentamento no que diz respeito às discriminações raciais que a nossa sujeita de pesquisa vivenciou no seu percurso escolar e profissional.

Para entendermos sobre o racismo estrutural, primeiramente temos que entender sobre o racismo. O racismo está ligado à uma ideia discriminatória entre os seres humanos, ou seja, baseia-se nas diferenças externas e corporais que possuem, assim, essas diferenças são uma manifestação de superioridade ou inferioridade de determinados grupos. Em continuação, o preconceito é entendido como a definição de um conceito sobre determinado grupo ou pessoa. E a discriminação racial, é como dar tratamento especial para um grupo em razão de raça, ou seja, proibir negros de frequentar determinados ambientes apenas por sua cor de pele e tipo de cabelo. Por fim, o racismo é entendido como uma forma de discriminação por meio de práticas inconscientes, ou conscientes que marginalizam determinados grupos raciais.

Com isso, a herança discriminatória da escravidão, ou todas relações com base na ideia de inferioridade, o racismo estrutural está inserido culturalmente, e trata de compilações de todas as modalidades de racismo sofridas por determinado grupo, seja na utilização de falas, gestos ou atos que estão camuflados em nossa sociedade.

De acordo com o autor Silvio Luiz de Almeida:

[...]o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma

sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo (2019, p. 12).

Vale ressaltar que, o racismo estrutural, ainda está vinculado às dimensões da economia, política e da subjetividade e foi sedimentado na nossa cultura, estando presente na sociedade tornando-se imperceptível (ou quase).

Atualmente, tem-se falado muito em “Igualdade para todos”. Pensando nisso, temos que compreender também, como a discriminação e o preconceito racial são construídos e marcam negativamente a vida de uma pessoa. Com isso, buscamos entender as seguintes indagações: como as experiências racista e discriminatórias nas trajetórias vividas por cientista negras são enfrentados por elas? Como essas mulheres superam as barreiras raciais para ir em busca do lugar que tanto sonham?

De acordo com Thompson (1992), a história é tão antiga quanto à própria história. Logo, o autor ao experimentar as entrevistas como moldes sociólogos, percebeu a riqueza e o qual é o valor das memórias dos sujeitos anônimos para a construção da história social do sujeito, ou seja, permite reportar a um passado repleto de sentimentos, emoções, perspectivas e superação.

O relato da nossa sujeita, Joana D’Arc revelou que suas trajetórias de estudos foram marcadas constantemente por situações de discriminação racial, ao que se trata do tipo de cabelo e a cor da pele.

Para gomes (2002), o cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país e também quando:

[...]o cabelo do negro, é visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (p. 3)

Dessa forma, a sociedade impõe que a cor de pele, o tipo de cabelo e outros traços fisionômicos, são tidos como um dos principais indicadores das diferenças e desigualdades sofridas. Ainda ressaltamos que quem tem a pele escura é tratado como se fosse inferior. Portanto, os relatos a seguir fazem-se necessários e demonstram o exposto pela referida sujeita de pesquisa:

[...] minha infância foi muito triste porque sofri várias chacotas por causa da cor de minha pele, do cabelo crespo, das roupas remendadas, dos sapatos furados e vários outros e, ainda tinha o apelido de “a negrinha fedida do curtume” (Diário de entrevista).

O relato acima mostra uma forte situação de discriminação racial vivenciada pela sujeita durante a sua vida desde criança. Com isso, percebe-se que muitas situações conflitantes raciais surgem por brincadeiras pejorativas vindas de crianças, ou seja, apelidos depreciativos e xingamentos tendo como principal menção a cor de pele e seu cabelo.

De acordo com Gomes (2003) nesse processo histórico e cultural brasileiro, as mulheres negras constroem sua corporeidade num movimento tenso de (rejeição/aceitação), (negação/afirmação) do corpo, sendo o cabelo um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo, isto é, constitui uma simbologia que difere de cultura para cultura.

Outro relato que se faz importante mencionar, é que nossa sujeita de pesquisa sofreu muitos preconceitos, porém um em específico a marcou, pois veio de uma diretora de uma das escolas em que ela cursou o ensino fundamental, o que de fato foi fundamental para ela se tornar mais forte e ainda chegar ao lugar que tanto sonhava. Joana D'Arc relata que

Estava na terceira série do ensino fundamental, mas guardo lembranças do episódio que me chateou muito na escola. Na hora do intervalo alguns alunos da minha sala danificaram alguns bancos, quebraram algumas coisas. Quando voltamos para a sala de aula, a diretora falou "pessoas do nível de vocês nunca serão alguém na vida. Pessoas que os pais vêm trazer de bicicleta na escola nunca conseguirão ser nada". Essa escola, apesar de pública, separava os alunos nas salas de aulas, de acordo com o nível social de cada um. Nunca misturava pobres com ricos. Havia uma discriminação muito grande em relação ao nível social de cada aluno (Diário de entrevista).

Essas situações ainda acontecem com frequência, tanto nas escolas públicas brasileiras quanto em instituições privadas. Alguns grupos de diretoria escolar ainda tratam alunos negros com inferioridade, marginalizando e silenciando os mesmos.

Outro fator importante, é que a discriminação que as mulheres negras sofreram foram com seus respectivos professores e diretores em ambientes que deveriam ser acolhedores. Notamos por meio do relato acima, que a Joana D'Arc recebia um tratamento diferenciado e dispensado entre as crianças negras e brancas. Esse episódio em si, manifestou um sentimento de mágoa pelo tratamento diferencial que ela recebeu de sua diretora, tanto que a mesma citou como um dos fatores que a deixou mais forte para ser uma cientista pesquisadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, distante de buscar definições e conclusão, tem por objetivo provocar, causar inquietações, e por consequência, abrir espaços para questionarmos o mundo patriarcal, racista e machista que nos despotencializa enquanto mulheres, negras e pesquisadoras. Quantas vezes questionamos as mídias quando essa menospreza, distancia, minimiza e desarticula as potencialidades desses sujeitos?

Por fim, um dos objetivos que buscamos nesse trabalho nas abordagens descritas, é a conscientização quanto ao tratamento racista existente em nossa sociedade. Sabe-se que como tal é um fenômeno corriqueiro e infelizmente inerente à cultura preconceituosa enraizada com suas perpetuações. Com isso, queremos desmitificar o conceito de meritocracia que vem sendo propagado na sociedade brasileira, quando muitos consideram que Joana D'Arc se tornou pesquisadora em decorrência de tal conceito, ou seja, desconsideraram quase que completamente os fatores que a fizeram resistir, esquecendo os caminhos traçados por ela. A meritocracia é um pretexto para a reprodução das desigualdades sociais, cabe a todos nós romper com o conceito de meritocracia e a igualdade sem oportunidades.

Numa sociedade que tanto buscar falar em “igualdade para todos”, a figura da negra é ignorada. Muitas mulheres negras em nosso país são rejeitadas no mercado de trabalho pela questão da aparência como se os traços fisionômicos fossem determinantes no acesso aos espaços do poder, ou seja, numa atitude extremamente discriminatória o que restringe e impossibilita novas caminhadas. Então, o que precisa ser feito para combater o racismo de fato? Primeiramente, precisamos refletir, reconhecer e identificar nossos privilégios.

No que se propõe a pesquisa no sentido de investigar a trajetória de vida de Joana D'Arc, buscamos compreender como se deu o contexto escolar e profissional vivenciados por ela, uma pesquisadora negra marcada pelas relações raciais, essas situações de enfrentamento e superação a fim dar visibilidade a história de vidas de mulheres negras que foram e ainda são marcadas pelo silêncio, ressentimento, aborrecimento e desrespeito. Portanto não podemos deixar de falar também das lutas, seus enfrentamentos, resistência como mulher negra e como essas mulheres superam essas histórias.

Se pensarmos que toda a forma de poder é um modo de rearticulação de diversos elementos, e que, enquanto sujeitos podemos e devemos questionar estes

espaços de articulação, devemos enquanto sujeitos pós críticos, apresentar estes elementos, e como os diversos atores são articulados, para que assim, todas as mulheres possam questionar os espaços que lhes são concedidos e impedidos.

Sendo assim, acreditamos que algumas provocações se fazem necessárias: quais elementos distanciam mulheres negras de algumas profissões? Quando você se questionou quanto ao papel da mídia na produção da identidade de mulheres profissionalmente? Quais destes elementos você ajuda a fortalecer? Somente quando todas e todos se colocarem neste local de inquietações, de provocar-se, é que teremos novas possibilidades, e é neste sentido que este trabalho se propõe potente. Inquiete-se! Provoque-se! Mude!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; pólen, 2019
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio: Graal, 1983.
- DAVIS, A. (2013) **Mulher, Raça e Classe, Gueto**. (2017). Mulheres, Cultura e Política. São Paulo, Boitempo.
- FISCHER, R. M. B. **O estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise**. Educação e Realidade, 1997.
- FLORESTA, N. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- GIMENO SACRISTÁN, J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GOMES, N. L. (2002). **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louri, 9º ed; DP&A, 2004.
- IGNOTOFSKY, R. **As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**, 2018.
- JOHNSON, A.; ESCOSTEGUY, A.; SCHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 4. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- LATOUR, B. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LATOUR, B. **The pasteurization of France**. Harvard University Press, 1993.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.
- PIKETTY, T. **Capital e Ideologia**. Tradução: Maria de Fátima Oliva do Coutto – 1ª ed. (2020)
- SCHIEBINGER, L. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.
- SILVA, E. B. **Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras**

e a construção do pensamento negro feminista. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL O DESAFIO DA DIFERENÇA: ARTICULANDO GÊNERO, RAÇA E CLASSE. 2000

Silva, J. S.; Souza Junior, M. L. **Empoderamento feminino: um estudo de campo com mulheres em diversos espaços da sociedade local** 2019

SILVA, T. T (Organizador). **Alienígenas na sala de aula** – 8 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado** – História oral. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

TURNER, G. **British cultural studies: an introduction.** Boston: Unwin Hyman, 1990.

Cultura negra e educação. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.23, mai/ago.2003.

AMARAL, A. C. **Ministro do Meio Ambiente não estudou em Yale.** Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/02/ministro-do-meio-ambiente-nao-estudou-em-yale.shtml>. Acesso em 25 agosto 2020.

DANTAS, D. **Santos e Oliveira divergem sobre o caso de Joana D’Arc Félix de Sousa.** Época. Disponível em: <https://epoca.globo.com/santos-oliveira-divergem-sobre-caso-de-joana-darc-felix-de-sousa-23687078>. Acesso em 25 ago. 2020.

JANSEN, R. **Witzel cita em currículo doutorado em Harvard sem nunca ter estudado na instituição.** Estadão. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,witzel-cita-em-curriculo-doutorado-em-harvard-sem-nunca-ter-estudado-na-instituicao,70002839196>. Acesso em 25 ago. 2020

RESK, F.; CAFARDO, R. **Professora que vai virar filme tem diploma falso em Harvard.** Estadão. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,professora-que-vai-virar-filme-tem-diploma-falso-de-harvard,70002828826>. Acesso em 25 ago. 2020

VARGAS, M.; CAVALHEIRO, R. **Reitor de universidade diz que ministro da Educação fez curso, mas não concluiu.** Estadão. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,reitor-de-universidade-diz-que-ministro-fez-curso-mas-nao-concluiu-doutorado,70003346095>. Acesso em 25 ago. 2020